Análise semiótica da logomarca do Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB[1]

Hanne Assimen CALDAS[2]
Karliane Macedo NUNES[3]
Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

RESUMO
Este artigo diz respeito a uma análise semiótica da logomarca do Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB. A análise apresentada tem como base a semiótica de Peirce ou comumente também chamada de semiótica peirciana. A importância da análise deste objeto se dá devido esta logomarca ser a bandeira deste movimento e por consequência ter muito a representar sobre este grupo. A análise perpassa pela tricotomia de observação que são respectivamente: primeiridade, secundidade e terceiridade. Desse modo, esta logomarca é o símbolo deste movimento e carrega consigo o que vem a ser o MAB no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica peirciana; MAB; Logomarca

Introdução

O presente trabalho contempla o levantamento bibliográfico ao que se refere à semiótica, neste caso a peirciana, e a análise de uma logomarca, a qual se trata da bandeira do chamado Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB.

A escolha deste objeto de estudo para ser observado, analisado e descrito conforme cada etapa necessária da análise se dá devido este produto fazer parte do repertório de experiência da autora e consequentemente facilitar uma melhor explanação para o leitor sobre este elemento.

Este trabalho tem como norte a proposta de Lúcia Santaella concernente ao percurso semiótico baseado na teoria peirceana, no qual seu trajeto pode ser definido em uma tricotomia de observação do signo selecionado, que são respectivamente: a primeiridade, a secundidade e a terceiridade.

Desse modo, é importante entender em síntese cada etapa que será desenvolvida ao longo deste trabalho. Na primeiridade será realizada a contemplação sobre o objeto estudado e a observação de seu padrão quanto as suas qualidades mais gerais. Já na secundidade serão realizadas algumas descrições mais concretas sobre o objeto

[1] Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação
[2] Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo do ICSEZ-UFAM, e-mail: hanne.ufam@gmail.com
3 Orientadora do trabalho. Profª Msc. do curso de Jornalismo do ICSEZ-UFAM, e-mail: karlianenunes@hotmail.com

enquanto existente. E na última etapa, que é a terceiridade, será possível observar este objeto num quadro mais amplo, o que demanda seu envolvimento com a movimentação de convenções culturais.

Portanto, o seguinte trabalho se trata de uma análise semiótica, no qual seu desenvolvimento se encontra assim estruturado. Num primeiro momento, para termos embasamento, iremos nos ater a fundamentação teórica, a qual irá contemplar: a fenomenologia enquanto fundamento da semiótica peirceana; o que é semiótica e para quê serve; e o conceito e os tipos de signo em Peirce.

Feito isso, percorreremos pela metodologia de análise, a qual irá apresentar o percurso que será feito na análise, modelo este proposto por Santaella. Por conseguinte será realizada a análise propriamente dita do produto e por último as considerações finais acerca de tudo que fora desenvolvido.

Fundamentação Teórica

Antes de prosseguirmos para a análise propriamente dita é importante que façamos uma revisão de toda a conceituação que irá nortear este trabalho. Conceituação esta realizada a partir dos estudos de Lúcia Santaella (2007a; 2007b) sobre a semiótica peirceana.

Para iniciarmos é importante explanar sobre a chamada fenomenologia, enquanto fundamento da semiótica peirciana, pois fenômeno é tudo aquilo que vem à mente humana e que pode ter um sentido. Além disso, todos esses fenômenos são potencialmente um signo, pois é desta forma que eles são trabalhados na semiótica. Na fenomenologia, para funcionar semioticamente, os fenômenos devem ser transformados em signos, este é o campo sobre o qual se assenta a semiótica de Peirce.

> A Fenomenologia, como base fundamental para qualquer ciência, meramente observa os fenômenos e, através da análise, postula as formas ou prioridades universais desses fenômenos. Devem nascer daí as categorias universais de toda e qualquer experiência e pensamento (SANTAELLA, 2007a, p.29).

Os fenômenos, como são chamados por Peirce, podem ser abstratos como também concretos, pois é tudo o que vem à nossa mente, mas além disso é tudo aquilo que pode ser real ou imaginário. Com isso, não podemos deixar de levar em consideração as duas categorias que Peirce considera como fenômeno, que são as sensações externas e as internas ou viscerais.

É interessante ressaltar que Peirce queria observar e examinar como esses fenômenos chegavam ou simplesmente apareciam à nossa consciência. Neste sentido, é importante citar o que Peirce pensava sobre o assunto:

> A fenomenologia ou doutrina das categorias tem por função desenredar a emaranhada meada daquilo que em qualquer sentido, aparece, ou seja, fazer a análise de todas as experiências é a primeira tarefa a que a filosofia tem de se submeter. Ela é a mais difícil de suas tarefas, exigindo poderes de pensamento muito peculiares, a habilidade de agarrar nuvens, vastas e intangíveis, organizá-las em disposição ordenada, recoloca-las em processo (SANTAELLA, 2007a, p. 33).

Foi por meio das observações que Peirce dedicou a forma de como os fenômenos chegam até a consciência humana, que ele chega às suas chamadas categorias do pensamento.

Entendidos sobre a fenomenologia podemos avançar para a conceituação da semiótica, visto que é a fenomenologia que lhe fundamenta, pois este campo do conhecimento existe antes mesmo da semiótica e também é a base dessa ciência para estudar e entender todos os tipos de linguagens que possam existir.

A semiótica, por sua vez, tem seu nome originado da palavra *semeion*, ou seja, signo, pois é uma ciência que estuda o signo enquanto linguagem, porém não se trata de uma linguagem específica, mas de todos os tipos de linguagens que possam existir como as expressões, gestos, imagens, sons, etc.

> A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido (SANTAELLA, 2007a, p. 13).

Sobre o objeto de estudo desta ciência, é válido ressaltar que a linguagem se difere de língua, pois esta última trata-se de uma forma pela qual os indivíduos a utilizam para se comunicarem em seus ambientes. Portanto, esta é definida como linguagem verbal, a qual é objeto do campo de conhecimento da linguística.

Já a linguagem, objeto de investigação da semiótica, é a forma que temos de nos comunicar com o mundo ao nosso redor, pois somos seres simbólicos e constantemente nos expressamos e comunicamos por meio das diversas linguagens existentes, como “através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar”

(SANTAELLA, 2007a, p. 10). Este objeto para se distinguir da língua, aqui é definido como linguagem não-verbal.

Neste sentido, a semiótica - ciência de toda e qualquer linguagem - tem por meio o estudo para entender todas as linguagens. Santaella (2007a, p.14) explica que "caracterizado o campo de abrangência da Semiótica, podemos repetir que ele é vasto, mas não indefinido. O que se busca descrever e analisar nos fenômenos é sua constituição como linguagem".

Portanto, a semiótica serve como metodologia para desenvolver análise sobre toda e qualquer linguagem humana, sendo assim uma teoria geral do conhecimento. A semiótica tem como objetivo o estudo dos signos, tendo em vista sua relação com os intérpretes e o mundo.

> (...) a teoria dos signos "é capaz de explicar e interpretar todo o domínio da cognição humana" [...] Além de ser uma teoria do conhecimento, a semiótica também fornece as categorias para a análise da cognição já realizada. Com isso, ela também é uma metodologia (SANTAELLA, 2007b, p. XIII).

Assim, por ela ser uma teoria geral do conhecimento, Santaella (2007b) explica que ela é também uma teoria geral de todas as espécies de signos, das suas características e de seus procedimentos, de seus modos de definição, de denotação de informação e interpretação.

> Desse modo, a teoria semiótica nos permite penetrar no próprio movimento interno das mensagens, no modo como elas são engendradas, nos procedimentos e recursos nelas utilizados. Permite-nos também captar seus vetores de referencialidade não apenas a um contexto mais imediato, como também a um contexto estendido, pois em todo processo de signos ficam marcas deixadas pela história, pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas econômicas, pela técnica e pelo sujeito que as produz (SANTAELLA, 2007b, p.05).

Contudo, a semiótica nos auxilia a delinear o caminho dos diversos aspectos por meio dos quais deve ser conduzida uma análise, sendo que para isso precisamos ter um mínimo conhecimento específico da história, teoria e prática de um definido procedimento de signos.

Dito isso, podemos prosseguir e assim de fato definir que o signo em Peirce é tudo aquilo que pode fazer sentido para um intérprete (indivíduo). Tudo é potencialmente um signo. É, portanto, todo e qualquer fenômeno que vem a mente.

> Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele

> representa seu objeto implica que ele afete uma mente algo que é mediatamente devido ao seu objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo, e da qual a causa mediata é o objeto, pode ser chamada o Interpretante (SANTAELLA, 2007a, p.58).

Assim, signo é uma coisa que representa outra coisa, ou seja, seu objeto. Este não é o objeto, mas está no lugar dele, ou seja, ele o representa. Ele [o signo] só pode funcionar como signo se carregar o poder de representar, substituir outra coisa que no caso não é ele.

Apesar de haverem muitas tricotomias para a classificação dos signos, vamos apresentar as mais gerais e que Peirce se dedicou a explorá-las de forma mais detalhada, as quais são: 1º) é a relação do signo consigo mesmo, ou seja, é o chamado fundamento, representamen ou veículo (imediato) de determinado signo; 2º) é a relação do signo com seu objeto dinâmico, ou seja, é algo a que o signo diz respeito por meio do objeto dinâmico (aquilo que o signo substitui) e que é definido pelas suas características; 3º) é a relação do signo com seu interpretante, ou seja, são os efeitos interpretativos que os signos estão aptos a produzir.

Neste sentido, é importante explicar que cada categoria apresentada faz parte de um conjunto maior, também desenvolvido por Peirce, que são as chamadas categorias do pensamento que são: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Ficando respectivamente assim apresentadas: Na primeiridade se encontra: 1º) quali-signo, 2º) ícone e 3º) rema; na secundidade: 1º) sin-signo, 2º) índice e 3º) dicente; e na terceiridade: 1º) legi-signo, 2º) símbolo e 3º) argumento. Isso monta um quadro no qual é possível conduzir as análises semiótica. Para entender melhor, é importante explicar cada etapa.

Assim, na primeiridade o que se tem é a relação de qualidade que algo carrega consigo, sendo o quali-signo, essa qualidade não representa nada, somente apresenta; após isso se chega ao Ícone que é um quase-signo, pois ele sugere e se assemelha, mas não representa; assim chegando no Rema no qual o signo trata-se de uma hipótese.

Na secundidade é quando o indivíduo tem uma ação/reação sobre o primeiro momento, trata-se de uma pré-consciência, sendo o Sin-signo que é um existente e está situado no tempo e no espaço; assim passando pelo Índice, que é o sentido que existe indicando ao objeto, pois se vincula a ele em uma relação de causa e efeito; e já no Dicente se trata de um signo de existência e concreto. É representado ao nível do interpretante como um fato.

Já na terceiridade é quando o sujeito se adapta a determinada realidade, há certa ruptura, na qual se trata de Legi-signo que é quando algo tem seu sentido que é denominado pelo caráter de lei geral que para atualizar-se precisa ganhar existência; assim ele passa pelo Símbolo o qual só tem significado quando a lei que lhe dá apoio está internalizada no conhecimento do interpretante; e por último chega ao Argumento que é quando o signo é representado pelo sentido que é gerado por um raciocínio lógico.

Além disso, é pertinente pontuar que essas nove etapas se complementam, pois ao longo da análise é feito um percurso respectivamente por estas três categorias, onde também cabe citar que somente a primeiridade é independente das demais para se concretizar. Porém, a secundidade e terceiridade não se concretizam se não passarem pela primeira categoria, ou seja, elas se inter-relacionam e são interdependentes entre si.

Metodologia de Análise

Os fundamentos teóricos que foram apresentados anteriormente servem neste momento como base para as leituras e análises semióticas proposta por Lúcia Santaella, que consequentemente irão também nortear a análise da logomarca do MAB.

O primeiro olhar leva em consideração o aspecto qualitativo do signo, que é o quali-signo. Assim, o objeto imediato concorda com a qualidade de aparência do signo, certo que aparências se assemelham a aparências.

O segundo olhar leva em consideração o existente de um signo, que é o sin-signo. Neste caso, o objeto imediato aparece como parte de algo existente, que é o objeto dinâmico que está fora dele.

Já o terceiro olhar dirigido ao fundamento do signo leva em consideração a propriedade da lei, que é o legi-signo. Deste modo, o objeto imediato é um recorte que o mesmo apresenta de seu objeto dinâmico. O objeto dinâmico é a forma como o signo se refere àquilo que ele deseja representar.

Assim, existem três jeitos que os signos se referem a seus objetos dinâmicos que são o icônico, indicial e simbólico. O embasamento para analisar o aspecto icônico está no seu fundamento e no objeto imediato. A única competência referencial que o ícone pode ter é de oferecer algum nível de semelhança com as qualidades de algum objeto, pois suas referências são abertas e ambíguas. Diferente do ícone, os índices são pouco ambíguos. Eles têm forma de vestígios, marcas, traços e referências factuais, pois são

existentes. Já o símbolo conduz os indivíduos a referências que incluem valores por convenção ou pacto coletivo.

Dessa forma, numa análise de como os signos são criados, chega-se ao interpretante dinâmico e assim explicitando os níveis interpretativos que os signos produzem no intérprete. São três os níveis interpretativos, o emocional, energético e o lógico. Ao que se trata sobre o emocional, diz respeito às qualidades de sentimento e a emoção que o signo é capaz de produzir nos indivíduos; o energético é quando o signo nos instiga a influências físicas ou mentais; e o lógico é quando o signo deseja produzir cognição.

Porém, Santaella (2007b) explica que se o intérprete não tiver interiorizado a norma interpretativa para lhe ajudar a conduzir certa interpretação, este indivíduo tem grande possibilidade de permanecer somente sob o domínio do nível energético ou ainda somente do emotivo.

Análise do produto: Logomarca do MAB

Na logomarca do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) inicialmente podemos contemplar, em toda a logomarca, suas cores que são vermelho, verde, azul, branco e preto. Há também formas e traços que sugerem serem os chamados elementos tipográficos, nos quais alguns destes por ora aparecem na cor vermelha e outra vez aparece na cor verde.

Aqui, é pertinente lembrar que neste primeiro momento estamos avaliando o signo em relação a si mesmo, assim “no seu modo de ser, aspecto ou aparência (...) o signo pode ser uma mera qualidade, um existente (sin-signo, singular) ou uma lei. (...) o

quali-signo diz respeito tão-só e apenas à pura qualidade" (SANTAELLA, 2007a, p. 63).

Além disso, sua logomarca aparece numa superfície plana, mas em determinados momentos causa a sensação de profundidade com o misto de suas linhas, formas e cores, neste caso principalmente entre o verde e o azul. É importante ressaltar que nesta logomarca se é trabalhado com a técnica de imagem sobre imagem, por isso temos a sensação de profundidade.

Vale ressaltar que as cores em maior volume são o verde, o azul e o vermelho. Mas, é importante perceber todas as cores são colocadas ou desenhadas sobre o fundo branco, que age como o plano onde tudo é colocado. Percebemos também que sempre é utilizado o preto para demarcar bem o espaço entre as cores e para assim não haver sobreposição de uma cor sobre outra, confundindo o leitor da imagem. Assim, não dando uma sensação de haver contrastes em seu todo, mas de se ter uma harmonia entre todas as cores utilizadas neste ambiente.

Podemos perceber também que há um formato circular, na cor preta, que envolve toda a logomarca, fazendo o limite entre o gráfico e o tipográfico. Dentro desse formato circular, em primeiro plano, há duas linhas na vertical que se assemelham a um poste, duas linhas na horizontal, seis linhas no sentido diagonal em espaços diferentes e logo na base deste espaço há dois formatos na cor branca que inicialmente o do lado direito sugere ser uma foice e o do lado esquerdo ainda é difícil de sugerir.

Ainda sobre as formas horizontais, verticais e diagonais há outro formato na cor branca que se assemelha a um corpo humano. Em segundo plano, há linhas dispostas em um formato que é cedo para defini-las, mas que se parece com a forma do mapa geográfico do Brasil. Em terceiro plano, contem linhas contiguas, na cor azul, em forma de ondas.

Desse modo, podemos perceber que, nesta primeira etapa, passamos pelo processo que Santaella (2007a; 2007b) explica ser de contemplação, sensibilidade e de abertura ao signo para deixar suas qualidades se mostrarem diante dos nossos olhos.

Sendo assim, iremos percorrer da contemplação das qualidades desta logomarca para passar a dar algum sentido/significado as coisas, visto que num primeiro momento nos era ligeiramente vago. Era somente composto de suas pertinentes características mais superficiais, porém não menos importante, pois são a partir delas que poderemos alcançar o nível de relacionar este signo com seu objeto dinâmico.

É importante lembrar também que todo signo possui dois objetos: o dinâmico e o imediato. “O objeto imediato (...) é o modo pelo qual aquilo que o signo representa está, (...) presente no próprio signo” (SANTAELLA, 2007b, p.34). Já o objeto dinâmico é o caminho que percorremos, por meio daquilo que o signo substitui, para alcançar determinado objeto imediato, ou seja, o próprio signo a que estamos nos propondo avaliar.

Dito isso, podemos prosseguir e com base na primeiridade é possível agora, na secundidade, indicar determinadas realidades existentes neste produto, sendo neste primeiro momento a descrição da análise sobre o gráfico desta logomarca.

Neste patamar, podemos afirmar que o que estamos analisando não se trata da própria logomarca, a que fora feita num primeiro momento, a que se encontra em uma das bandeiras deste movimento social ou mesmo em seus documentos, mas se trata de uma das formas de representação desta marca, sendo esta uma reprodução digital. Além disso, é importante situar que esta logomarca analisada se trata de um movimento social que ocorre no Brasil.

Sabido isso, podemos dizer que dentro desse formato circular, em primeiro plano, é possível confirmar a informação inicial e complementar que se trata de um poste de energia elétrica, devido sua estrutura e os fios ao alto que nos remete a isso. Quanto aos formatos incomuns na cor branca podemos dizer que, o do lado direito indica ser uma foice e o do lado esquerdo indica ser uma enxada. Além disso, o outro formato também na cor branca sobre as linhas horizontais, verticais e diagonais indica ser um corpo humano.

Já em segundo plano, na cor verde escuro, aparece o mapa do Brasil, o qual está todo tracejado de preto em suas bordas. No entanto, aparece somente o mapa sem nenhum conteúdo dentro dele. Só o que aparece sobre ele é a imagem sobreposta do poste de energia elétrica, a qual está em primeiro plano.

E em terceiro plano, por trás do mapa do Brasil, aparecem linhas contiguas na cor azul, especificamente seis destas, em forma de ondas, as quais nos remetem a água. Essas ondas de água ocupam um espaço até a metade, de baixo para cima, do mapa do Brasil e o restante do espaço, da metade para cima, aparece livre com o plano de fundo na cor branca.

Além dos elementos gráficos contidos nesta logomarca, há também os elementos tipográficos, os quais surgem como um complemento para dar sentido às imagens que aparecem aos olhos do leitor.

Sendo assim, podemos situar que logo acima da delimitação do círculo, onde está contido todo o aparato gráfico da logomarca, estão grafadas as seguintes palavras: "Movimento dos Atingidos por Barragens". Estas palavras estão todas escritas em caixa alta, com traços finos, na cor vermelha e ocupam um espaço de 180º, ou seja, desde a metade da esquerda indo até a metade da direita do círculo. De fato, esta inscrição aparece justamente para confirmar todos os elementos gráficos que estão dentro da logomarca os quais representam este movimento.

Logo abaixo do círculo, encontra-se grafada a seguinte expressão: "Brasil!". Esta aparece somente com a primeira letra em caixa alta e as demais em caixa baixa, com traços mais espessos que a frase escrita acima do círculo, estando todas as letras na cor verde. Esta expressão aparece como uma forma de firmar o recorte geográfico do Brasil que está dentro do gráfico e por ter um ponto de exclamação nesta expressão, assim representar uma forma de alerta.

Abaixo dessa expressão há outra frase, em duas linhas, assim ficando na linha de cima: "Águas para vida" e na de baixo: "não para morte". Estas palavras estão escritas também todas em caixa alta, na cor vermelha, mas já com traços mais grossos que a palavra "Brasil !" e também em tamanho maior, fazendo com que fique em destaque, em relação as outras duas expressões apresentadas logo acima desta. Logo, podemos perceber que esta frase nos remete as águas que aparecem inundando o Brasil, pois os atingidos reivindicam pela sábia utilização destas águas.

Feito isso, podemos aferir que temos mais uma etapa vencida, a da secundidade, na qual Santaella (2007a; 2007b) explica que neste caso temos que levar em consideração os aspectos existentes de um signo. Assim, o objeto imediato é a materialidade do signo como parte de um conjunto maior em que o signo de fato faz parte.

Dito isso, podemos afirmar que esta logomarca carrega grande carga simbólica. Em primeiro plano podemos verificar que há um corpo humano pendurado num poste de energia elétrica, assim como já foi confirmado na etapa anterior. O que essa imagem quer transmitir ao seu leitor é que o corpo humano representa todas as pessoas que são atingidas pelas barragens que são construídas nos lugares onde estas moravam. Muitas

vezes ocorre também destas barragens atingirem lugares ainda mais distantes do local onde foi desapropriado.

Outro fator sobre esta primeira imagem são as ferramentas que se encontram penduradas aos pés da imagem do corpo no poste. A foice e a enxada estão ali devido a grande maioria dos atingidos por barragens serem os ribeirinhos, índios e camponeses, pois pelo fato desses povos utilizarem bastante estas ferramentas, elas o representam. Isso se dá tanto porque se trata de ferramentas utilizadas no cotidiano desses povos quanto porque são empregadas como meios para representar a luta neste movimento dos atingidos.

Além deste fator, a título de sugestão, sobre a imagem que se ver onde há uma pessoa de braços abertos no poste de energia elétrica, podemos dizer que esse momento nos remete ao fato que acontecera com Jesus Cristo na cruz, no qual podemos dizer que os atingidos, que são uma minoria, representam o sacrifício por uma grande maioria, assim como é contada a história do chamado também Salvador.

Ainda é possível também perceber que a logomarca traz uma carga natural – a água -, um recorte geográfico – o Brasil –, a tecnologia – a hidrelétrica – e o homem. Sendo que o homem aparece justamente no meio disso tudo, ou seja, podemos também pensar que o fato dele estar de braços abertos e em primeiro plano é uma forma do movimento demonstrar que o homem tem que saber lhe dar com todos estes fatores, sabendo geri-los de maneira correta, isso sem prejudicar o natural, o geográfico e o tecnológico.

Dando continuidade, logo atrás do poste de energia elétrica podemos ver claramente o mapa do Brasil. Preenchido com a cor verde, este representa e situa o intérprete num pensamento de unidade, pois este não é nenhum outro mapa, essas linhas neste formato representa somente o Brasil e nenhuma outra nação. Além disso, a cor verde tem grande carga simbólica, pois o Brasil é bastante conhecido pelas suas exuberantes florestas, e são exatamente elas que dão esta cor de predominância para o país. Mas, vale ressaltar que para o intérprete obter este entendimento, ele precisa ter internalizado em seu conhecimento de mundo essas informações.

Já por detrás do mapa do Brasil, ainda é possível observar que contém formas preenchidas de azul, num movimento de ondas de água. Essas ondas que estão por trás e até a metade do mapa do Brasil representam o processo de inundação ocorrido após a criação das barragens, que, por ventura, atingem os moradores próximos, prejudicando

assim essa parcela da população que é obrigada a deixar seu local de moradia, trabalho e meio de sobrevivência.

Além destes fatores mencionados, podemos verificar que os elementos tipográficos desta logomarca também possuem seu poder de relevância. Quanto ao nome do MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens - e a frase – Águas para vida não para morte - estarem escritas com letras em caixa alta e na cor vermelha, podemos perceber que ambas as expressões e o modo como aparecem tem um tom de chamar atenção, como palavras de ordem em voz alta, tal qual um grito dos atingidos. Também não podemos nos esquecer da palavra "Brasil !" onde esta aparece com traços grossos e na cor verde.

> Os títulos com letras grandes simulam exaltação, como se alguém quisesse despertar a atenção do outro. (...) O formato da letra - os traços mais finos ou mais grossos, inclinados ou não, com ou sem serifa - cria um simulacro de um tom de voz mais sério ou mais leve, mais elegante ou mais austero (HERNANDES, 2006, p.210 -11).

Outro fator que podemos pontuar referente às cores utilizadas é com relação às sensações cromáticas das cores, pois baseado nesta teoria podemos aferir que o vermelho aqui utilizado possui associação afetiva com a força e o verde tem ligação afetiva direta com natureza e firmeza.

Sendo assim, essa logomarca é um símbolo, pois tanto o poste que traz o argumento da energia elétrica produzida pelas barragens quanto a água que toma o Brasil até a metade, representam o avanço das barragens e das hidrelétricas no país.

Sabido isso, é pertinente argumentar que a logomarca analisada diz respeito a um dos movimentos sociais que há em todo o mundo, mas aqui está sendo analisada a do movimento no Brasil.

Este movimento já existe a anos, sendo que somente em março de 1991, quando ocorreu o I Congresso Nacional dos Atingidos por Barragens, foi que se oficializou a constituição do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) em escala nacional. O congresso percebeu que além da luta de sua região pela garantia de indenização, haveria a necessidade de discussões para a implantação de um novo modelo energético nacional e internacional.

O movimento busca esclarecer aos atingidos e interessados, sobre cinco questões: a água, os Direitos Humanos, a energia, o gênero e as próprias barragens no

Brasil. Neste caso, a água e energia estão diretamente ligadas, sendo o embasamento da discussão e trazendo com isso os demais temas para serem esclarecidos.

Atualmente o movimento possui 20 anos de lutas e conquistas contra a mercantilização da água e da energia, e principalmente os problemas que todo esse processo causa aos atingidos.

Neste sentido, a título de finalização desta etapa é possível dizer que esta logomarca mesmo antes já fazendo parte do repertório da autora, esta última tendo a oportunidade de agora poder contemplar este símbolo, pode afirmar que seu olhar sobre este objeto após a análise é de uma reflexão que chega a conclusão que esta logomarca sintetiza o que é este movimento e tem o intuito de convencer o seu leitor a fazer parte do movimento, ser realmente partidário do MAB.

Assim, podemos refletir que o argumento utilizado neste objeto, tem conseguido alcançar o seu objetivo final que é justamente no tocante ao indivíduo quanto a ele se sentir sensibilizado a ser parte deste movimento.

Considerações Finais

Durante todo o andamento do trabalho foi vital o conhecimento e entendimento acerca dos conceitos de cada elemento que fora explorado. Com a leitura das bibliografias e do produto analisado foi possível inferir que a análise semiótica é importante para entendermos de forma minuciosa o mundo que permeia esta logomarca, na qual esta faz parte de uma das linguagens humana.

Este estudo foi de fundamental importância, também, devido a oportunidade de poder aplicar outro olhar sobre o produto, que já faz parte do repertório da autora, pois com isso foi possível aprender que, semioticamente, esta logomarca é um signo, pois ela faz sentido para um intérprete.

Foi possível também aferir que possui características que fornecem à logomarca formas que demarcam o movimento perante o público, pois se trata de uma imagem que direciona o leitor a se remeter diretamente a este movimento.

E é um símbolo porque a imagem, do modo como está confeccionada, o corpo sobre o poste de energia elétrica representa os atingidos, o mapa do Brasil se refere ao território destes, as águas representam a morte social dos atingidos e a foice e a enxada mostram que os atingidos são povos que fazem parte da classe social de baixa renda, que são em maioria camponeses, indígenas e ribeirinhos. Assim, todos esses elementos

que foram analisados de modo particular acabam formando o todo desta logomarca e dando sentido ao que se trata o Movimento dos Atingidos por Brarragens.

Portanto, esta logomarca é um signo que se convencionou ser o símbolo deste movimento e que carrega consigo, por meio de uma imagem, uma representação do que realmente é o MAB no Brasil.

Referências

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica** / São Paulo: Brasiliense, 2007a.

_____ **Semiótica aplicada** / São Paulo: Thomsn Leanirg, 2007b.

MAB. **Logomarca** in: <http://coopab.no.comunidades.net/imagens/msmab.jpg> acesso em 29/09/2012.

MAB. **História do MAB** in: <http://www.mabnacional.org.br/historia> acesso em 26/10/2012.

MAB. **Dados e fatos** in: <http://www.mabnacional.org.br/content/dados-fatos> acesso em 26/10/2012.